



NAVEGANDO EM UM MAR REVOLTO CHAMADO SALA DE AULA: PROCESSO DE MEDIAÇÃO TEATRAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MATO GROSSO DO SUL

SAILING IN A ROUGH SEA CALLED THE CLASSROOM: MEDIATION THEATER PROCESS IN PUBLIC SCHOOLS IN MATO GROSSO DO SUL

Flávia Janiaski¹

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD

Mariane Rodrigues da Silva ²

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar propostas de mediação teatral criadas pelo grupo de pesquisa – Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa Cênicas - que foram desenvolvidas para uma ação antes, durante e depois do espetáculo teatral para crianças ‘Os botões das Camisas e das Rosas’. A pesquisa buscou analisar esse processo de mediação realizado nas Escolas Públicas do Mato Grosso do Sul em 2024, levando em consideração a experiência que os mediadores tiveram durante todas as etapas desse processo. Ao relacionar a escola com a comunidade nasceu a ideia de investigar a mediação teatral levando esse processo para dentro dos muros das escolas, refletindo esse ambiente como um espaço múltiplo que possibilita contato com as artes e promove ações culturais. Do mesmo modo, pretende-se analisar e discorrer sobre a formação de plateia nas escolas públicas que durante a formação escolar, muitas crianças nunca tiveram contato com o teatro ou tenham participado de mediações teatrais.

Palavras-chave: mediação teatral; formação de plateia; escolas públicas.

Abstract: This essay aims to present proposals for theatrical mediation created by the research group - Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa Cênicas - which were developed for an action before, during and after the play for children ‘Os Botões das Camisas e das Rosas’. The research seeks to analyze this mediation process carried out in the Public Schools of Mato Grosso do Sul in 2024, considering the experience that the mediators had during all stages of this process. By relating the school to the community, the idea was born to investigate theatrical mediation by taking this process inside the walls of the schools, reflecting this environment as a multiple space that allows contact with the arts and promotes cultural actions.

¹Doutorado em Artes Cênicas pela UFBA, com período sanduíche em University of Massachusetts Boston (UMASS) nos Estados Unidos. Mestrado e graduação em Teatro pela UDESC. Profa. Associada da UFGD no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Artes Cênicas. Docente Permanente do ProfArtes da UFU. Bolsista Produtividade CPNq. Diretora do grupo Esboço Caótico Cia. de Teatro e Pesquisa Cênica. <http://lattes.cnpq.br/2394281053017478> <https://orcid.org/0000-0003-0325-739X>

² Mariane Rodrigues da Silva é pesquisadora, atriz, produtora, poetisa, slammer e professora. Formada em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) no ano de 2025, atualmente cursa bacharelado na mesma instituição. Possui trajetória que combina pesquisa acadêmica, experimentação cênica e produção cultural, ampliando diálogos entre a arte-educação e poesia. <http://lattes.cnpq.br/0938276832784294> <https://orcid.org/0009-0001-3015-8744>



Likewise, it intends to analyze and discuss the formation of audiences in public schools, where during their schooling, many children have never had contact with theater or participated in theatrical mediations.

Keywords: theatrical mediation; Spectator training; public schools.

1 INTRODUÇÃO

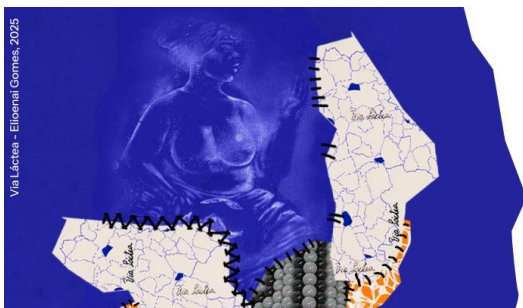
O contato de uma pessoa com a arte pode acontecer de infinitas maneiras, esse fazer é amplo e está presente de diferentes formas na vida das pessoas, seja no designer de um produto, na decoração de espaços, em um grafite na rua, na televisão, internet, rádio, espaços públicos, ou até mesmo em um jingle para ajudar nas vendas de um comércio local; todas estas formas de artes, assim como infinitas outras, estão presentes no dia a dia de todas as pessoas. Mas, a Arte também está presente de forma institucionalizada na vida das pessoas, através da escola.

Desta maneira, a mediação teatral pode ser uma alternativa metodológica, que apresenta múltiplas possibilidades de ação e é capaz de aproximar os estudantes e a comunidade local do teatro, através da fruição e da produção. Pois, para muitos estudantes, a escola é o primeiro (por vezes o único) local que elas terão contato com a linguagem teatral, logo é importante oportunizar o acesso nesses espaços para que façam parte desde a primeira infância, sobre isso, Mafra Gagliardi argumenta:

O papel iniciático da escola cara-a-cara com o teatro é fundamental desde a primeira fase, porque somente a escola pode fornecer os primeiros elementos desta arte e pode ofertar para todas as crianças, sem distinção, a oportunidade de uma aproximação da experiência teatral, abstraindo suas diferenças socioculturais e econômicas. (Gagliardi apud Ney, 2011, p. 171)

A escola então, como instituição em que se encontram pluralidades de ser e existir, é um local favorável para se ter o primeiro contato com a prática teatral e quiçá despertar o interesse pelas artes em alguma criança. Pois na escola há este espaço/tempo que inclui as pessoas e o seu entorno, toda e qualquer ação que é realizada na escola tem o potencial de reverberar por toda a comunidade que a cerca, mobilizando mais pessoas para ser público e conhecer o teatro.

O teatro dentro da escola, seja através de uma apresentação, mas principalmente enquanto disciplina dentro da grade curricular tem um interessante efeito na estrutura escolar uma vez que ele desorganiza um modelo de escola arcaico



que temos como herança do século XVIII. Ou seja, em sua maioria, as demais disciplinas do currículo repetem didáticas e metodologias que não priorizam a experiência, são organizadas em torno de técnicas de aprendizado. Por sua vez, o fazer teatral está organizado a partir do experienciar e da estética, das sensações e do trabalho em grupo, da experiência simbólica a partir do objeto estético que se torna experiência concreta a partir das percepções e da construção artística, através da troca momentânea do "aqui e agora" entre os atores e o público.

É nessa relação em que o olhar de quem assiste está atento e pronto para prestigiar o espetáculo. Ainda assim, a relação com a obra pode nem sempre ser compreendida de primeiro momento, a familiaridade que o público tem com o tema e elementos do espetáculo influencia nessa troca, podendo ocasionar certo estranhamento com o que é desconhecido, e possivelmente, afastamento entre o espetáculo e o público. É a partir desta relação entre obra e espectador que reside a importância da mediação teatral, que aqui entendemos como:

[...] um processo artístico-pedagógico que interliga o público e a obra teatral, possibilitando o acesso e a formação das pessoas, como espectadores autônomos, capazes de observar, criticar e se transformar, a partir da vivência da obra de arte [...]. Trata-se de uma metodologia que pressupõe diversas atividades, antes, durante e depois de as pessoas assistirem a um espetáculo, criando uma oportunidade de aprendizagem criativa, sensível e reflexiva, da obra cênica. (Wendell, 2011, p.32).

Ou seja, são processos ou atividades que garantam uma mobilização, sensibilização e preparação antes da apreciação do espetáculo, para que possa acontecer o encontro e a apropriação dos signos teatrais e da temática durante a apresentação, assim como uma internalização e reverberação após a fruição teatral.

Nesse sentido, é importante investir para que essa ação de mediação também alcance os alunos nas escolas, possibilitando-os uma troca, familiaridade e olhar diferente para o espetáculo. Proporcionando o "*acesso físico*" com a formação de plateia através de ações que levem o público até o espaço teatral; como também propiciando o "*acesso simbólico/linguístico*" com a formação de espectador por meio de ações que permitam maior compreensão do público em relação à obra.

Pensando na importância deste acesso é que o grupo propôs o projeto de mediação teatral que discutimos neste artigo. Para tanto, será partilhado a construção



e vivências da mediação teatral do espetáculo para crianças ‘Os botões das camisas e das rosas’, realizado nos meses de maio e junho de 2024, com a circulação da peça em seis cidades do xxxxxxxxxx. Do mesmo modo busca-se trazer como exemplo, refletir e discorrer sobre os efeitos desse processo de mediação nas escolas públicas.

2 ESCOLHENDO O BARCO

Não existe uma receita para a mediação teatral, ela pode ser planejada e aplicada de diversas formas, e é mais interessante desenvolvê-la através dos elementos e características da obra que será mediada. Para isso, é importante conseguir identificar quais são os objetivos dessa ação, em seguida, o que será trabalhado e de que forma isso acontecerá. No entanto, é importante dizer que todas as atividades realizadas antes e depois da fruição do espetáculo acontecem de forma independentes, ou seja, nenhuma ação será garantia de que os objetivos desejados pelo grupo através da encenação serão alcançados, uma vez que o público, especialmente professores e estudantes, possuem autonomia para estabelecer e criar suas próprias experiências a partir de tudo que foi proposto e vivenciado.

O espetáculo mediado abordou como tema central a ideia de finitude a partir da perda e da morte, sendo um parâmetro para os mediadores de quais caminhos poderiam seguir em suas buscas para a construção do material. Durante o processo de curadoria do que seria proposto o grupo decidiu que o trabalho partiria da ideia de ciclos. Com um caminho escolhido, foi pensado em jogos e ações para o "antes do espetáculo" a partir de três ações:

1ª Ação: ensinar as crianças um jogo de mão³ que chamamos de ‘sopa paraguaia’⁴. Este jogo foi criado pelo grupo e é realizado no início do espetáculo pelos atores em cena. Primeiro os mediadores ensinaram a música e depois o jogo com as mãos, realizado em duplas e em seguida em grupos de quatro pessoas.

2ª ação: a turma foi dividida em grupos, cada grupo recebeu quebra-cabeças

³ Jogo de mão é uma brincadeira para crianças que possui música, dança, rima etc. ex: adoleta, batom e popeye.

⁴ Música criada pelo grupo para fazer o jogo de mão: “Sopa paraguaia/ Qual é a sua praia? / Minha praia é ler/ Ler para crescer/ Cima, baixo, roda / Pega um livro pra você!”. Durante a peça os atores jogavam 5 vezes, a cada nova rodada era aumentada a velocidade da música e dos movimentos.



em formato circular, com os desenhos do ciclo da vida, água, rosa e borboleta. A proposta era resolver em equipe, observar e refletir a respeito.

3ª ação: Momento em que foi realizado uma alusão ao personagem da peça, através de uma pequena contação de história, sobre um menino que vivia perdendo várias coisas e um dia acabou perdendo algo muito importante. A intenção dos mediadores, além de suscitar o protagonismo individual, foi familiarizar situações da peça com as vivências das crianças.

Para o “durante o espetáculo” o grupo propiciou a fruição da peça com a possibilidade da participação ativa das crianças através da musicalidade e troca com o público. Em algumas escolas o contato direto na hora do espetáculo aconteceu com troca de diálogos entre o personagem e as crianças que comentavam sobre a peça ou respondiam perguntas feitas pelos personagens. Em algumas apresentações foi interessante que quando o jogo de mão começava as crianças ficavam animadas e cantavam junto com os atores. Mas é interessante destacar que após a apresentação, durante a desmontagem os atores puderam ver, em diversas escolas, as crianças jogando ‘sopa paraguaia’ com os colegas no recreio ou pelo pátio.

O “depois do espetáculo” foi pensado em duas ações: a primeira foi permitir às crianças circular, ver e manusear os instrumentos musicais e os livros, enfim, que tivessem acesso ao espaço da cena, ao “palco” onde tudo aconteceu e conversassem com os atores, tirassem fotos, fizessem perguntas. Já para segunda ação foi construído um material de apoio, com três atividades, para os professores usarem em suas aulas: “Navegando”, “Você conta e a gente encena” e “Fazendo um filme”. Propostas de atividades pensadas para o professor trabalhar não só as reverberações sobre o espetáculo apreciado, mas principalmente o fazer teatral em suas aulas.

2.1 COMEÇANDO A NAVEGAR

Nesse processo foram confeccionados materiais e jogos para a prática de mediação, pensando como público-alvo estudantes do Ensino Fundamental I. Devido a temática da peça, e como o espetáculo trabalha com diversos elementos lúdicos e coloridos nas cenas, figurinos e cenários, os mediadores desejavam também aproveitar este recurso. E foi dessa maneira que as escolhas das etapas foram



definidas, desde o jogo de mão acompanhado pela musicalidade e gestos, até o quebra-cabeças com peças ilustrativas e o contar histórias.

Para o quebra-cabeça, o objetivo era não apenas montar as peças na ordem correta, mas refletir sobre os ciclos, entender e poder mais tarde fazer relação com a temática da peça. Já para a terceira ação do “antes” pensamos em como criar a história sem contar muito o que aconteceria cenicamente, mas instigando as crianças a pensarem em momentos de suas vidas que já passaram por situações semelhantes.

O momento de preparação das ações de mediação, para além da curadoria em que é escolhido o que será desenvolvido, é uma etapa em que os mediadores começam a confeccionar e testar os materiais, com maior noção de como isso pode funcionar de acordo com os objetivos e propostas. Durante esse período de preparação notamos a importância não apenas de ter pessoas preparadas para realizar a proposta, ter conhecimento de como isso refletirá na ação pedagógica de aprendizado dos estudantes, e que estejam aptos para lidar com os imprevistos que se pode encontrar no ambiente escolar. Assim, nota-se a necessidade de formação dos mediadores. Ninin reforça esse ponto ao destacar que para exercer a função de mediador “não bastava informar sobre o espetáculo ou acompanhar a turma da escola ao teatro, era preciso um planejamento estético e pedagógico materializado nas monitorias de preparação e prolongamento” (Ninin, 2020, p. 96). Vale destacar que as ações de mediação também podem ser pensadas por professores e/ou outras pessoas que não participam diretamente do espetáculo.

2.2 EM UM MAR REVOLTO

Na primeira ação foi pedido que as crianças se levantassem das suas carteiras e procurassem uma dupla. As duplas foram se formando por afinidades, se alguém acabava sozinho, algum mediador se propunha a fazer junto. Esta ação demandou a maior parte do tempo que tínhamos em sala de aula, uma vez que ensinar a música e as batidas de mão para as crianças era um processo. Depois que todas já tinham decorado a música e a forma de jogar o bate mãos, todos fizeram ao mesmo tempo, brincando com a crescente velocidade do jogo (cinco velocidades).



É essencial destacar que essa primeira parte funcionou como facilitador para o processo de aproximação da obra e dos atores com o público ao transformar as crianças em público “vivenciador”, integrando-os ao espetáculo com uma música que aconteceria logo no início da peça, o que levou a uma concentração e participação maior das crianças. Sobre esse momento de fruição Ney Wendell escreve:

O entendimento do vivenciar deixa de ser apenas a apresentação em si e incorpora os diversos processos que ocorreram no antes do espetáculo e irão se desenrolar no depois do evento, em múltiplas reverberações [...]. No momento de fruir a obra, instala-se no vivenciador um sentido de pertencimento. Ele se vê como parte daquele acontecimento único e como o seu cocriador. É neste pertencimento que mais se amplifica diretamente o impacto da obra. Os variados impactos, na vida de espectadores e artistas, são proporcionais ao vínculo que se estabelece com o espetáculo. (Wendell, 2011, p.42)

Há então uma aproximação do público com a obra, que reverbera não só no instante do agora, mas que vai ser ecoado durante algum tempo nos corredores das escolas e nas ruas da cidade. Na segunda ação dessa etapa foram usados os quebra-cabeças criados com alguns ciclos existentes na natureza com a finalidade de discutir a renovação da vida de forma lúdica. Antes do quebra-cabeça, o grupo fez perguntas direcionadas às crianças de forma a despertar para discussão. A maioria conhecia algum dos ciclos, e conseguiam explicar com as próprias palavras como funcionam.

Algumas turmas precisavam ser instigadas com as perguntas e exemplos. Buscamos referências que as crianças pudessem conhecer, como, por exemplo, o filme “Rei Leão” (1994) da Disney que traz a questão do ciclo da vida. Tentou-se ouvir todas as crianças que desejavam falar, cada uma explicava da sua forma como entendiam estes ciclos e que sentido eles faziam para elas.

A terceira ação consistiu em contar uma história, com a mesma narrativa da peça, no entanto, ela não aconteceu em todas as escolas, pois o tempo disponível para o grupo era sempre limitado, sem que todos os participantes pudessem interagir. Em relação aos jogos de mediação para o “depois”, como dito acima, confeccionamos uma série de planos de aulas com jogos para os professores.

2.3 DEPOIS QUE O MAR ACALMOU



Durante o mar revolto os mediadores foram surpreendidos, mesmo sabendo que tanto o teatro quanto a escola são lugares de planejamento aliado a improvisação. Ou seja, contamos que alguns imprevistos poderiam ocorrer e tínhamos estratégias para resolvê-los, no entanto, o ‘aqui e agora’ da sala de aula, assim como o teatro é composto por pessoas que interagem e modificam os jogos, por vezes de forma muito positiva, por vezes de forma desafiadora. A gestão do tempo, apesar de planejada, foi um dos nossos maiores desafios.

Conforme as necessidades que cada ambiente exigia, foi interessante observar o desempenho dos mediadores, em lidar com as situações buscando propostas para as adversidades que surgiram. Na etapa da mediação “durante o espetáculo”, com o grande público que não era o esperado e combinado previamente com a direção das escolas para essas ações⁵, os mediadores tiveram que se desdobrar para atender ao máximo possível de salas para realizar a mediação, e da mesma forma, o espetáculo precisava ser adaptado para atender um número grande de crianças, seja em relação ao espaço da cena, projeção vocal, espaço do público etc.

Durante as apresentações, com a diversidade de escolas, este processo de enfrentar os imprevistos, foi ficando orgânico. Os mediadores tiveram contato com as crianças uma única vez, antes da apresentação, por volta de 30 a 40 minutos, e neste tempo era preciso realizar as propostas de mediação e criar uma relação com a turma que fosse instigante o suficiente para que eles interagirem durante a mediação e apresentação. É vital que os mediadores compreendam seus papéis nas situações em que o contato com as crianças for de curto tempo, saibam abordá-las ganhando a atenção e confiança delas. Saber como acessar os estudantes é importante para obter resultados positivos, é crucial que eles compreendam sua importância e protagonismo nessa ação de mediação.

Na relação entre as ações e o aluno um dos pontos mais influentes é a valorização do estudante, enquanto voz, corpo, expressão, capaz de mobilizar a escola a partir da sua criatividade e de sua força de comunicação. O fazer artístico, que é a base das ações, leva os alunos à mobilização de sua autonomia, em que sua opinião e sua manifestação artística têm espaço para acontecer. Isto é possível devido à definição de que o aluno é o foco

⁵ Importante ressaltar que o projeto inicial para as apresentações e mediação era uma média de 100 crianças, ou seja, três salas de aula em cada apresentação, no entanto, ao chegar nas escolas, direções e coordenações solicitam que fizemos as apresentações para a escola inteira (entre 250 e 400 crianças), e o grupo acabou acolhendo o pedido.



principal das ações e o sujeito central de transformação. Ele é o ponto-chave para que os temas, as idéias estéticas e outros diversos conteúdos que a obra traz possam efetivar-se enquanto ação que está mudando a escola. É com ele, e a partir dele, que as ações saem do espaço reflexivo e entram na ação transformadora” (Wendell, 2011, p. 165 - 166).

Nesse caso, como parte do elenco fazia parte da mediação, ver os atores com figurinos coloridos fomentou a curiosidade e vontade de participar da maioria da turma, por ser algo diferente do que estão acostumados cotidianamente. Trazemos um exemplo aqui para ilustrar um outro detalhe importante: a faixa etária e a importância de se pensar a mediação de acordo com cada idade.

No nosso caso, mediação e peça foram pensados para alunos do Ensino Fundamental I, no entanto, tivemos uma escola que nos pediu para realizar as atividades com o fundamental II, em uma das turmas então, um dos alunos, que era o mais velho da turma, achou a proposta infantil e optou por não participar. Porém, ao ser iniciada a terceira ação do “antes do espetáculo” os mediadores decidiram conversar mais abertamente sobre a questão da morte, e logo este aluno, que estava quieto em sua carteira, e não havia participado da primeira e segunda ação, ergueu a cabeça e voltou sua atenção para o que estava acontecendo, pois ele havia passado por uma recente experiência de perda, e se permitiu ouvir e participar junto desse momento com a turma. Essa experiência nos mostra e comprova a importância de a mediação ser pensada nas faixas etárias em que se busca realizar tal ação e também no vínculo que precisa ser desenvolvido entre o mediador e a turma.

Na escola as crianças são, em geral, obrigadas a fazerem o que é solicitado, e não instigadas a participar das atividades, mas é importante compreender que talvez nem todas gostem e estejam aptas a experimentar o que está sendo proposto, muitas vezes elas não têm contato prévio com o teatro, ou com a atividade proposta e não desenvolveram ainda o seu gosto estético, e é preciso compreendermos e respeitar esta construção. Por isso, é relevante não apenas realizar processos prolongados e contínuos que proporcionem criar conexões e trocas, mas também de frisar o protagonismo que cada aluno possui nesses processos. Assim como também, proporcionar a ida das crianças ao espaço teatral para irem desenvolvendo seu senso estético e conhecendo o fazer teatral, dentro e fora do espaço escolar:



Mesmo considerando a praticidade de contar com um espetáculo teatral a ser encenado nas dependências da própria escola, o deslocamento das crianças até o teatro possibilita uma experiência estética ímpar por causa do contato com os elementos fundamentais que compõem o espetáculo. Ir ao teatro possibilita a professores e alunos conhecer todo o aparato técnico do teatro. Visitas guiadas aos bastidores têm como objetivo desvendar sua função para os alunos. Bilheteria, leitura do programa, cenografia, refletores, bambulinas, coxias, camarins, mesa de som, mesa de luz, entre outros, podem ser demonstrados para as classes que vêm ao teatro (Koudela, 2009. p.17)

Por mais que levar o teatro para escola seja uma prática enriquecedora para as crianças, levar as crianças para o edifício teatral é uma maneira de expandir essa experiência individual durante todo o passeio. Com as “visitas guiadas” aos bastidores, como menciona Koudela, as crianças têm uma oportunidade única para conhecer e explorar outros elementos que compõem um espetáculo de teatro, ficando livres para explorar os espaços de um edifício teatral. Estas duas práticas combinadas - o teatro na escola e a escola no teatro - é uma maneira rica de experimentar o fruir artístico, conhecer os signos teatrais, e desenvolver o gosto estético dos pequenos.

3. LIÇÕES DE UMA AVENTURA EM ALTO MAR

Navegar nesse mar revolto foi um desafio e tanto de muita aprendizagem para os mediadores. A experiência é única não apenas para as crianças, mas também para os mediadores que aprenderam com cada ação. Apesar da insegurança de trabalhar pela primeira vez com mediação teatral, entendemos que nosso processo foi de mediação e o quão importante é trabalhar com jogos de mediação na escola, mesmo que sejam apenas pequenas iniciativas, pois existem inúmeras e variadas formas de realizar a mediação teatral (na escola e fora dela), sobre isso Desgranges aponta:

Assim, podemos considerar facilitação do acesso físico iniciativas como: promoção e barateamento dos ingressos; ampla circulação das produções culturais pelos veículos de comunicação; campanhas publicitárias; a difusão das produções por regiões geográfica e socialmente afastadas; disponibilização adequada de transportes; construção de centros culturais na periferia das cidades; segurança pública, garantindo o ir e vir dos espectadores; entre tantos outros. O acesso lingüístico, como o próprio termo sugere, opera nos terrenos da linguagem. E trata não apenas da promoção, do estímulo, mas especialmente da constituição do percurso relacional do



espectador com a cena teatral, da conquista de sua autonomia crítica e criativa” (Desgranges, 2008, p. 76).

É relevante o olhar de valorização nas mediações, por mais simples que possa ser considerada a ação escolhida, é necessário reconhecer também essas abordagens. O que de fato vai caracterizá-la como uma formação de plateia ou espectador serão os objetivos que os mediadores possuem para realizar essas ações. O tempo no teatro é diferente do tempo na escola, por isso o espetáculo teatral dentro do ambiente escolar, especialmente acompanhado de jogos de mediação provocam um intervalo no tempo/espço do cotidiano escolar, levando os estudantes e professores, assim como toda a escola a reorganizar o espaço e horários, vivenciando um outro tempo/espço que acolhe a criatividade e a imaginação dentro de um mundo de possibilidades.

Reside aí a importância de financiamento público, pois os projetos fomentados por meio desses financiamentos tendem a facilitar o acesso a Arte para distintas partes da sociedade, inclusive fazendo com que o teatro chegue nas escolas e comunidades. Não basta apenas criar espetáculos, mas também certificar de que o máximo de pessoas sejam contempladas e as produções alcancem os bairros periféricos e a população como um todo.

Outro ponto que estas práticas trouxeram ao grupo foi despertar a vontade de aprofundar os estudos sobre mediação e pensá-la como uma proposta de abordagem metodológica para o ensino de teatro na escola através da investigação teórica e em futuros projetos para formação de público. Ver o fascínio das crianças através da montagem cênica e atividades propostas, proporcionou notar e vivenciar o poder que a linguagem teatral possui e como ela atinge as pessoas. Foi perceptível o quão importante foi nossa presença para as crianças, elas interagiam, perguntavam e comentavam, a euforia e entusiasmo se espalhavam e era recíproco.

São nessas ações e trocas com o público que realmente nota-se esse alcance, e é por isso que a mediação se faz tão importante como conexão entre a obra e o espectador. Quem está assistindo deve se sentir participante e pertencente, e apesar da separação entre palco e plateia, as crianças precisam saber que fazem parte deste



momento de comunhão artística e que sua energia, emoções e reações têm impacto direto com o que está acontecendo em cena.

Os professores também podem ser agentes e fomentar essa ação nas escolas dando continuidade nos trabalhos já iniciados. Os benefícios são múltiplos para os estudantes, suas famílias e a comunidade local.

A mediação, portanto, proporciona processos de ensino-aprendizagem da linguagem cênica em contato com estéticas teatrais, possibilitando ao público escolar aproximar-se da diversidade de manifestações culturais além de envolvê-lo em uma dinâmica mais participativa e criativa, integrando-o ao circuito cultural da cidade. (Ninin, 2020, p. 31)

A mediação pode ser um processo a longo prazo que trabalha constantemente em parceria com diversos espetáculos e ações artísticas locais e nacionais, para isso os professores de Arte podem começar essas iniciativas e compartilhar com os professores das demais áreas. Pois a mediação, além de preparar os indivíduos para a fruição e apreciação artística, tem o potencial de ampliar a leitura que as crianças fazem do mundo, não só de forma estética, mas também de forma a construir novos conhecimentos.

A arte está presente em tudo e a mediação, é um ótimo caminho para a construção de um letramento artístico que pode reverberar para o conhecimento de diversas disciplinas curriculares, através da interdisciplinaridade. A apreciação artística está diretamente ligada a sensibilidade e a questões simbólicas, culturais e sociais do apreciador, e à medida que as crianças e professores vão dominando a linguagem e símbolos teatrais, o 'gostar' de teatro passa para um novo lugar, pois ninguém gosta daquilo que não conhece. O acesso (ou não) a uma obra artística, estará intrinsecamente ligado à relação de prazer (ou não) que a criança irá estabelecer no ato de apreciar e as possíveis leituras que pode fazer desta obra.

REFERÊNCIAS

Trabalhos acadêmicos (TCC, relatórios, dissertações, teses)

NININ, Roberta Cristina. *A práxis do mediador: os jogos de mediação teatral na formação do professor de teatro*. São Paulo, 2020, 341p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo (USP).



OLIVEIRA, Ney Wendell Cunha. A mediação teatral na formação de público: o projeto Cuida Bem de Mim na Bahia e as experiências artístico-pedagógicas nas instituições culturais do Québec. 2011. 230 p. [Tese \(Doutorado em Artes Cênicas\) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.](#)

Artigo em periódico

DESGRANGES, Flávio. Mediação teatral: anotações sobre o projeto formação de público. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 1, n. 10, 75p. - 83p. dez. 2008.

Trabalhos publicados online

KOUDELA, Ingrid Dormien. *A ida ao Teatro*. Disponível em:

<https://culturacurriculo.fde.sp.gov.br/Administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>. 2009. Consultado em agosto/2025.